

Álvaro Andrade Garcia
o verão dentro do peito

Coleção Poesia Orbital
Belo Horizonte 1997

Prefácio

Não sou adepto de apresentações, nem de escritos que antecedem poemas. Eles devem, no máximo, ter posfácios. Mas como faço parte dessa coleção, resolvi seguir instruções à risca. Por isso, sugiro que este texto seja lido após a matéria em verso que aqui apresento.

O livro contempla três tipos de poemas: os livres, que acabam saindo da gaveta nessas oportunidades, os litúrgicos, que se aglutinaram em torno do título *Sinais de Vida*, e os *Poemas Nordestinos*, que traduzem uma nova fase, lúdica.

Sobre os livres pouco tenho a dizer, além deles. Gostaria apenas de ressaltar que *Beijing* é a maneira correta, segundo os chineses, de grafar Pequim no nosso alfabeto. Os poemas de *Sinais de Vida* registram os anos que vivo com tons litúrgicos. Eles são espirituais e intimistas. Surgiram com *Oração para os 80'*, publicado em *Faculdade dos Sentidos*, e esses agora simbolizam os 90'. Sua leitura é repetitiva, despojada, com estrofes recorrentes, combinações cíclicas de palavras e aquele sotaque de on budista, como se lêssemos em voz alta no pensamento.

Os *Poemas Nordestinos* fazem um resgate gráfico da sonoridade tropical. Devem ser lidos em voz alta, com toda intensidade, ritmos e acentos de sotaque. Vogal escancarada, t e d originais. Mas não se trata de fidelidade absoluta. O poeta se julga no direito de inventar. Fazer moda com o sotaque alheio e dar trabalho para a 'equipe lexicográfica permanente', que sempre prestigiou a poesia. Brincadeiras à parte, escrever e ler compõem enigmas. Cabe a você, meu leitor, decifrá-los agora.

A PALAVRA VIVA

a palavra lava o que agente mente
a palavra mente onde agente sente
a palavra cansa a palavra amansa
a palavra passa o que agente pensa
a palavra amassa

a palavra atrasa o que agente esquece
a palavra aquece o que agente teima
a palavra queima
a palavra fogo que agente apaga

a palavra tralha que agente afasta
a palavra gaga
a palavra lavra
a palavra ato

mato onde agente embrenha
a palavra exata onde nada ata
a palavra sacra

a palavra senha a palavra laca amarga
doce luz
assanha brilho soa

bela voa
a palavra garça

taça

a palavra que agente bebe

a palavra tonta

a palavra esquece

a palavra enterra o que agente troca

a palavra cava

a palavra cova

afoga trama aplaina

a palavra amaina

amanhece

a palavra espaço dia

como brisa

DOIS POEMAS DE CASAL

I

Ah então é isso

ah então é isso

tô sabendo

you é assim

you sempre é assim

you é triste

you profunda demais

e fica a fim de envelhecer

tira a barba

tô sabendo

vai sair com outra

you sempre sai com outra

é! não tem nada a ver

numa boa, brincadeira

mentiroso

you é um grande mentiroso

levou a sério?

eu prefiro não falar

you é hermético

you é louco

não quero perder sua amizade

por que nunca foi nada além

mas eu sempre disse isso

you é que espera

que eu fale algo

que não tem nada a ver

qualé? nunca me viu?
você leva tudo a sério
você é difícil de conviver
nossa que cabeça complicada
você é enrolado mesmo
numa boa
não é nada disso

II

Louc'aritmética de um louc'amor

eu sou 1
como você
você é 2
2 para 2
não falta nada
eu sou 1
você é 2
2 mais 1
é sempre 3
1 mais 1
é sempre 2
nós somos 2
mas 2 assim
é 1 menos 1
é parte do 2
que é 1
é você
disso sobram 2
quem sabe 1
ou ainda 3
acabam 1
só 1
para cada 1

A sopa beijing
tinha cheiro de sim

A sopa beijing
tinha gosto de ti

sujeito estrambótico
de olho estro
geno valgo
nariz adunco
manco de estreito vulto
esse sujeito estropio

NATAL 91

I

se isso é natal
sou naldívio das ovas de jesus
sou carne e osso sem devaneio

II

o natal é normal como a rima barata da loja Pernambucana
o natal é regular como um salgado na mesa do bar
o natal é deus menino como o álibi é do assassino

SINAIS DE VIDA
OU O VERÃO DENTRO DO PEITO

I

uma gaiola de ossos
entre os braços

o sangue espesso
no espaço oculto

onde o sol nutre
humores

o corpo tenso
entre bandagens de pele
no tumulto dos músculos

a relva verde
uma árvore vazada
pelo leque de luz

a árvore amada
a selva da alma
outra vez

a força dos músculos
os punhos do sangue

as batidas n'aorta

estamos vivos

ainda estamos

suspiramos a chama

tragamos a chama

e ainda assim duvidamos dela

II

as mãos dentro do corpo
por vezes serenas e móveis

as mãos dentro do corpo
por vezes ferozes e firmes

— como lâminas —

o sopro dos seres
o hálito denso e matinal

corre pela relva
entre gotas solares

o corpo se inventa de contentamento

sobre cada osso empilhado
um acórdão de sinais de vida

III

o vento envolve a casa
e corre apressado
entre ramagens e frestas

esmiúça ventarolas e rodapés

o corpo imóvel e morno
estirado na cama

os pés fora do lençol

a janela de gotas
opaca e doce

o vento percorre os caminhos
como um enxame, sete bestas zoando

o mundo é um imenso cão de caça
farejando cada quina, cada frincha

até nos encontrar

estamos vivos
ainda estamos
suspiramos a chama
tragamos a chama
e ainda assim duvidamos dela

IV

a vida corrige os atos
atravessa os enganos
a vida atrás dos braços

os músculos da voz
a vida ultrapassa a vida

não antes não depois
nada mesmo por fazer

atravessar apenas
— palmo a palmo —
esse minúsculo sol
onde há luz
para todas as gotas

estamos vivos
ainda estamos

suspiramos a chama
tragamos a chama
e ainda assim duvidamos dela

A DUCHA 4 ESTAÇÕES

a ducha quatro estações
faz da água um arranjo
de quadros de matisse
e azulejos decorados
como nos prédios de galdi

a ducha quatro instantes
a ducha quatro cantos

a ducha nua
a ducha quadro
iluminada
pelo grito do papagaio

a ducha quadriculada
empeixada de cacos
de rios que escorrem
no pêlo

o shampoo nos olhos
o som com sotaque de peixe
caolho & borbulhante

bons fluidos me banham
nessa ensolarada manhã

PONTE

entre dois corpos uma boca
entre dois portos um oceano

entre dois corpos uma faísca
um cisco de cores um talismã

(colibri com bem te vi)

c o l i b e m t i b r i
b e m c o t i b r i l i
b e m c o t i l i b r i
t i b e m c o b r i l i

pó
e
mas

nor
des
tinós

ema de pó
déstino norte

solde

nór de mórde
te de morte

solde

sol de solte
sal de sorte

solde

(opódisnada)

o pó de nada
o podes nada

xutáda
de nada
com bode

xutáda
da nada
de bode

(autobiográfica)

minha vógal
só traz dó

nasci saci
numa bela és quina
de mina

mar um dia és queci
o tê que casa com xis

acabei no ó
no mar fundo
bororó

daqui saio
mar não

gorduxa exdrúxula
é rima réprimida

a x é s u a d a

ó x ó s s i v ê m d ô c ê a m ô

se é
mulhé
pódi
sê
xá mâ

só de corrê
o s o i o s
parece que é
bom

imórtá
lizei tú
jésus

lúcifer
sem luz